

## PRESENÇA DA CIÊNCIA EM *O ARCO-ÍRIS DA GRAVIDADE*, DE THOMAS PYNCHON

Pedro Dolabela CHAGAS\*

- **RESUMO:** O artigo analisa a presença da ciência em *O arco-íris da gravidade*, de Thomas Pynchon, em seus aspectos sociológicos e epistemológicos. Observa-se o modo como o tema produz remissões à atualidade histórica, assim como as suas implicações para o enredo e a construção narrativa da obra. Um diálogo com Weber servirá como referência para a detecção do componente crítico da ficcionalização pynchoniana da ciência, assim como certo diálogo com a epistemologia contemporânea situará o seu ceticismo quanto à idealização da racionalidade e da prática científica regular. Os três itens que compõem a exposição – “causalidade”, “burocracia” e “ideia” –, em sua interconexão, colocam a ciência como fundamento para a análise do modo como *O arco-íris da gravidade* compreende o mundo contemporâneo ao seu lançamento, em 1973.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Thomas Pynchon. Epistemologia. Sociologia da ciência. Romance contemporâneo.

Poucos escritores demonstram tanta familiaridade com a ciência como o norte-americano Thomas Pynchon. Suas narrativas são permeadas por referências à história da ciência, e a sua biografia nos conta que o seu interesse pela física teórica, na universidade, era tão intenso quanto pela literatura – um interesse que, a se julgar pelo seu trabalho literário, não diminuiu com o tempo.

Neste ensaio, comentaremos certos aspectos – de cunho sociológico e epistemológico – da sua abordagem da ciência em *O arco-íris da gravidade*, de 1973. Faremo-lo sob os três ângulos interrelacionados da “causalidade”, da “burocracia” e da “ideia”: o primeiro se dedica à densidade epistemológica de uma obra na qual a causalidade atua não apenas como tema, mas também como uma moldura lógica a configurar a escritura; o segundo versa sobre a formatação institucional do campo

---

\* UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Vitória da Conquista – BA – Brasil. 45000-000 – dolabelachagas@gmail.com

Artigo recebido em 15 de outubro de 2010 e aprovado em dezembro de 2010.

científico, que é tomado, no romance, como uma metonímia da tecnocracia estatal moderna; o terceiro, por fim, item discorre sobre a fundamentação mítica das “ideias” científicas, por onde a obra de Pynchon se contrapõe à visão comum da ciência como produtora de conhecimento objetivo. Ao conectar vários sistemas sociais paralelos, a ciência aparece, em *O arco-íris da gravidade*, como uma metonímia do mundo contemporâneo.

## Causalidade

A “causalidade” organiza um imenso nexos de significado em *O arco-íris da gravidade*, especialmente a partir da crítica às limitações do determinismo. Por um lado, a narrativa encena a “queda no abismo” da contingência, as limitações do determinismo sendo tematizadas pela atuação do acaso nos acontecimentos mundanos – o acaso, explorado como o oposto epistemológico da causalidade. Paralelamente, realça-se o limiar da alienação e da corrupção política a que o reinado da causalidade leva os seus praticantes “devotos”.

Pynchon ironiza a compulsão do determinismo a controlar a totalidade dos elementos envolvidos na descrição do problema, tratando seu objeto, desse modo, como um sistema fechado. Tal fechamento implicaria na manipulação de elementos selecionados da realidade, que apenas assim é formatada como sistema. Mas ao longo do romance o determinismo é repetidamente minado pela ação do acaso, que revela a arbitrariedade da sistematização e a sua incapacidade de controlar a empiria. Vários acontecimentos do enredo oscilam entre o determinismo e a aleatoriedade, parecendo, aos olhos dos personagens, indecíveis interpretativamente – impressão que é amplificada, para o leitor, por um narrador que nega qualquer solução à tensão. Em *O arco-íris da gravidade* a problematização da causalidade adquire, desse modo, uma presença estruturante: ela é tratada como um tema, ao mesmo tempo em que configura o enredo e a técnica narrativa de Pynchon.

A compulsão à causalidade orienta também a ficcionalização do *ethos* científico. A ânsia de controle sobre a empiria, fomentada institucionalmente, favorece a formação de comunidades dogmáticas quanto à forma de exercício do controle. Autocentradas, dedicadas à satisfação dos próprios interesses, tais comunidades se alienam das conseqüências externas das suas próprias ações – conforme veremos também no próximo item. Em *O arco-íris da gravidade*, boa parte dos atores sociais cujas ações têm conseqüências mais amplas são praticantes da imputação determinista que, confiantes nos seus dogmas intracomunitários, ignoram a inadequação da sua aplicação alhures.

Observemos o que ocorre na “Aparição Branca”, edifício que abriga alguns grupos de pesquisa em psicologia reunidos como parte – apenas vagamente definida – do esforço de guerra britânico. Predominam ali as figuras de Edward Pointsman, um psicólogo pavloviano, e de Roger Mexico, o estatístico radicalmente antideterminista que figura como o oposto epistemológico de Pointsman. A contraposição entre um e outro dramatiza, logo na abertura do romance, o pêndulo entre a causalidade estrita e a contingência absoluta.

Pelo enredo descobrimos que um certo Slothrop, tenente do exército americano, dispunha estrelas sobre um mapa de Londres nos locais de residência das suas conquistas amorosas, produzindo uma configuração que antecipa exatamente os locais de queda dos V-2 alemães sobre a cidade. Descoberta a coincidência, o pavloviano Pointsman se torna obcecado com as supostas “respostas” de Slothrop aos V-2, i.e. as ereções que o estimulam às relações sexuais nos locais de queda dos foguetes. Para o determinista ortodoxo as manifestações de Slothrop o tornam uma espécie de monstro: a nêmesis do determinismo é a singularidade pura, e Slothrop não se encaixa em teoria alguma. Pointsman sofre, então, para adequar o fato à teoria, obstinando-se em manter o modelo pavloviano mesmo num caso em que “a ação antecede ao estímulo”:

[...] creio que M. K. Petrova foi a primeira a observar... [...] o simples ato de levar o cachorro *para dentro do laboratório* – [...] só de ver os equipamentos, o técnico, uma sombra qualquer, uma pequena corrente de ar, alguma pista que talvez a gente nunca conseguisse descobrir, talvez isso bastasse para que ele entrasse na fase transmarginal. Então, o Slothrop. É possível. Em algum lugar da cidade, basta a atmosfera – imagine que a guerra é ela própria um *laboratório*? Quando caem os V-2s, primeiro a explosão, depois o som da queda [...] a ordem normal dos estímulos invertida desse modo [...] (PYNCHON, 1998, p.55-56, grifo do autor).

Aterroriza Pointsman que as manifestações de Slothrop sejam fruto do acaso; aterroriza-o a existência de um exemplar único na Criação: a admissão da singularidade absoluta colocaria em xeque a legitimação da ciência como produtora de um conhecimento universalmente abrangente. Diante da insubmissão do “caso” às previsões de Pavlov, Pointsman recorre às asserções do mestre em detrimento dos fatos – o que o leva a explicá-los mediante uma ficção teórica, um delírio metafórico em que a guerra é um “laboratório” e Slothrop é um dos cães de Petrova. Pynchon ficcionaliza aí o desespero do dogmatismo diante do acontecimento excêntrico, e na “Aparição Branca” não faltarão cientistas com outras teorias que, tais como a de Pointsman, querem alocar Slothrop sob um modelo preestabelecido: para um colega freudiano, “[...] a sexualidade entre em jogo. ‘Subconscientemente, ele sente

necessidade de abolir todo e qualquer vestígio do Outro sexual, que ele simboliza em seu mapa, de modo muito significativo, como uma *estrela*, um emblema anal-sádico [...]” (PYNCHON, 1998, p.92-93, grifo do autor).

Oposto ao determinismo, o acaso possui um estatuto epistemológico próprio. Dentre a massa de “apóstolos” da causalidade empregados na “Aparição Branca”, destoa a figura de Roger Mexico. Estatístico, interessa-lhe não a origem, mas apenas a probabilidade do evento e da sua repetição. Tal abordagem provoca em Pointsman atração e repulsa, pois ele teme pelo fim da causalidade como paradigma (o que seria, para ele, a morte do saber positivo e da organização racional da realidade), ao mesmo tempo em que o fascina o mistério da pertinência e da própria “possibilidade da existência” de um padrão de objetividade não-determinista, que ele simplesmente não consegue entender. Mexico, o estatístico, parece ameaçar as suas crenças fundamentais:

Como é que Mexico consegue jogar, tão à vontade, com estes símbolos de aleatoriedade e medo? Inocente como uma criança, talvez inconsciente – talvez – de que com este jogo ele destrói os elegantes salões da história, ameaça o próprio conceito de causalidade. E se *toda* a geração de Mexico estiver assim? Será que o pós-guerra vai se reduzir a uma sucessão de “eventos”, surgidos do nada de uma hora para a outra? Nenhuma ligação? Será o fim da história? (PYNCHON, 1998, p.63, grifo do autor).

Esta hipérbole dramática do fim do determinismo como “fim da história” – a história concebida, agora, como uma sucessão de eventos desprovidos de um fio organizador – insinua a posição do determinismo causal como parte de um sistema de crenças. Quando Mexico diz que “[...] essa coisa de causalidade já deu o que tinha que dar. Que para a ciência continuar a avançar ela vai precisar de pressupostos menos estreitos, menos... estéreis. [J]ogar fora a causalidade de uma vez por todas, e partir para ver a coisa de outro ângulo” (PYNCHON, 1998, p.96), a narrativa sugere a causalidade como um valor metafísico, uma compulsão antropológica, e nada mais. Como diria vinte anos mais tarde Ilya Prigogine – em sua defesa da probabilidade contra a “certeza” – a origem do determinismo estaria no Deus cristão que fora concebido, numa concordância entre a ciência e a teologia do século XVII, como um legislador onipotente. (PRIGOGINE, 1997, p.12). Se, na física, a mecânica estatística se coloca como um paradigma alternativo ao determinismo, Prigogine e Mexico se aproximam neste ceticismo quanto ao entendimento da ciência como fonte de conhecimento “integral” sobre a natureza, assim como pela sugestão de que a “probabilidade” oferece modelos mais adequados para a leitura do real.

Na seara dos acontecimentos humanos percebe-se ainda mais intensamente a colocação da questão. A história é representada, em *O arco-íris da gravidade*, sob uma lógica de fluxos, redes, interrelações e imprevisibilidade, diferentes facetas

do viés probabilístico: “[...] a visão da história de Pynchon [é] o desdobramento da continuidade e da conexão, ao invés da seqüência de causa e efeito” (SLADE, 1974, p.212). Nestas conexões a causalidade não desaparece, mas se complexifica: a origem do acontecimento está no limiar do acaso, mas alguma causalidade sempre intervém. Em muitas seqüências o romance de Pynchon (1998) exacerba a ocorrência do acaso – passagens em que o enredo brinca com a pura aleatoriedade, como na “Operação Asa Negra”, a campanha de propaganda aliada que tenta, através de uma série de evidências forjadas reunidas num filme, disseminar na Alemanha o terror pela existência de um grupo paramilitar negro, treinado pelos nazistas, que agora estaria agindo por conta própria, à revelia do Estado, contradizendo a ideologia racial do regime e ameaçando a segurança do povo alemão. Já pronto o filme, eis que os realizadores descobrem que tal grupo de fato existia, e sob o mesmo nome que se previra para ele: *Schwarzkommando*. Este é um caso evidente em que Deus joga dados, o que ocorrerá noutras passagens do romance. Nenhum delas, porém, terá o passado histórico como tema: “Aquilo que parece relativista na consciência histórica de Pynchon é, na verdade, uma estratégia para se distanciar dos valores e das ideologias que ocultam os processos históricos.” (SMITH, 2005, p.3). O acaso radical, apesar de recorrente, é restrito a acontecimentos que o leitor saberá distinguir como ficcionais. Quando a narrativa faz referência à história, a produção dos acontecimentos será pautada por um fluxo entre causalidade e acaso: fatos originalmente dispersos são interconectados, produzindo conseqüências imprevistas; o acaso confere, por assim dizer, um curso inesperado a fatos que já o permitiam potencialmente. É como na menção ao sonho de Kekulé que lhe revelou a forma perfeita das cadeias de benzeno, ocasionando uma revolução na química que, na elipse produzida pela narrativa, transformaria a IG Farben numa potência a servir de modelo para a indústria e para a formatação do Estado cartelizado, idealizado na Alemanha do início do século e reificado no mundo pós-guerra: a “historiografia” de Pynchon constrói um ponto de fuga entre o sonho de Kekulé e a associação contemporânea entre indústria e Estado, numa elipse que concatena temas que, originalmente, estariam dissociados entre si.

O inesperado conduz, então, a produção de sentido em *O arco-íris da gravidade*. Na cena em que Jessica, namorada de Mexico, vê em Londres um sutiã perdido em meio aos escombros de um bombardeio, imediatamente a presença da peça, que marca a existência de pessoas reais por detrás de uma devastação tornada habitual, vem ressignificar a paisagem experienciada:

Por um momento, numa vertigem que ela não consegue controlar, toda a piedade armazenada em seu coração acorre àquele sutiã, como se fosse algum animalzinho perdido e esquecido. [...] Ela sabe que não deve chorar: que os olhos vagos na abertura do capuz não vão buscar sua Besta com mais afincos por causa de suas lágrimas. Porém aquele pobre objeto frágil... esperando sua

dona na noite e na chuva, esperando que seu quarto se reconstrua a sua volta [...] (PYNCHON, 1998, p.49-50).

A comoção provocada pela visão inesperada da peça assume o proscênio. Tudo o que estava acontecendo momentaneamente se apaga, e à emoção de Jessica o texto estará, por algum tempo, totalmente devotado. Mas o intervalo é um acaso momentâneo em meio à tarefa de que se incumbiam Pointsman e Mexico, a quem Jessica acompanhava. A sua comoção não tem um caráter fundante na cena em que acontece – mas mesmo assim acontece, subsistindo plenamente por algum tempo. Analogamente às elipses que promovem conexões históricas imprevistas, o acaso, aqui, provoca uma descarga emotiva motivada pela delicadeza inesperada do objeto em meio a uma devastação já normalizada.

Se, na “Aparição Branca”, Roger Mexico simboliza a contingência, a sua “solidão” remete a um tema importante: o caráter organicamente coletivo do dogma. Rodeado de incompreensão, Mexico não ingressará em nenhuma coletividade (“Por que é que vivo cercado [...] por analfabetos em estatística?”) (PYNCHON, 1998, p.61). Se a “certeza” é mais sedutoramente justificável como objetivo último do conhecimento, isso acabará por determinar as inserções contrastantes que terão Pointsman e Mexico. Enquanto a defesa da probabilidade deixa o estatístico em completa angústia e isolamento intelectual (“[Jessica] viu a solidão: em seu rosto, entre as suas mãos vermelhas de unhas mordidas”) (PYNCHON, 1998, p.63) o pavloviano integra uma pequena seita. Weber definiu a seita como uma associação “[...] de indivíduos religiosamente qualificados. Círculo restrito e elitista, que faz da comprovação de determinadas qualidades morais uma condição distintiva de admissão [...] num contexto grupal que demanda de cada membro adesão total e controle sobre os demais” (PIERUCCI, 2004, p.290). Se falarmos de “qualidades intelectuais” ao invés de “qualidades morais”, veremos que Pointsman pertence a uma associação deste tipo. Ao lado de Spectro, ele

[...] é um dos sete proprietários originais d’O Livro, e se você perguntar ao senhor Pointsman que Livro é esse ele dará um sorriso irônico por resposta. O Livro misterioso passa de mão em mão, de um para outro de seus coproprietários, toda semana. [...] Quando a semana é de Pointsman, outros vêm do mesmo modo até a “Aparição Branca” no meio da noite, Roger ouve-os cochichando, muito sérios, feito conspiradores. (PYNCHON, 1998, p.53).

A “Bíblia” de Pointsman é, naturalmente, de autoria de Pavlov. Na impossibilidade de alcançar uma posição transcendente, que lhe proporcionasse uma visão extramundana da realidade – uma hipotética visão da metafísica em ação –,

o cientista recorre ao “Livro” para validar as suas proposições. O “Livro” é Deus, é a exterioridade que legitima a *praxis* salvando-a da competição contra alternativas concorrentes. Tal segurança, porém, não está garantida apenas pelo “Livro” que, como tal, não passa de texto: ela depende da cumplicidade ativa dos seus seguidores. É por isso que Pointsman depende de Pavlov “tanto quanto” de Spectro e dos outros “eleitos”.

Há, desse modo, certa relação entre a crença na objetividade e o agrupamento sectário. Na ausência de um julgamento objetivo que ponha fim às disputas inerentes aos campos do saber, o juízo da pequena comunidade provê o veredito sobre a qualidade da produção. Pequenos grupos oferecem proteção e respaldo para a ação; voltados a si mesmos pela (necessidade da) convicção nas próprias certezas, eles desposam uma crença transcendente na objetividade pura – uma crença que só pode subsistir ao ser compartilhada comunitariamente, pois em jogo está a segurança de que a comunidade precisa para conduzir sua prática.

Seguro, o grupo fornece proteção contra a pressão pela mudança. Imersos em seus próprios interesses, seus membros agirão exclusivamente para satisfazê-los. Em *O arco-íris da gravidade*, a convicção do círculo nas próprias idéias e práticas, necessária para a mobilização institucional de recursos, faz com que a sua ação se torne autotélica, desprezando os problemas éticos relativos aos interesses que orientam o investimento na pesquisa: os resultados da pesquisa são orientados para a captação de recursos, numa dinâmica que as “seitas” trabalharão para prolongar indefinidamente – ponto que pede a passagem ao próximo item.

## Burocracia

É célebre a assertiva de Max Weber segundo a qual apenas o interesse pelo conhecimento deveria pautar a escolha da profissão científica, que se diferenciaria das demais pelo seu apelo vocacional. Autônomo em relação a interesses externos, a dedicação do cientista ao conhecimento faria apagar a sua própria individualidade: “Só aquele que se coloca pura e simplesmente *ao serviço de sua causa* possui, no mundo da ciência, ‘personalidade’ [...] sempre que um homem de ciência permite que se manifestem seus próprios juízos de valor, ele perde a compreensão integral dos fatos” (WEBER, 2004, p.27, p.40, grifo do autor).

Nada, porém, poderia estar mais distante do ideal weberiano do que o ambiente científico de *O arco-íris da gravidade*. Para além da vaidade e da busca de prestígio pessoal – atributos que Weber associa mais tipicamente à “política como vocação” –, a ciência constitui, no romance, um sistema burocrático, fortemente orientado pela busca de financiamento:

Quando ocorreu o desembarque na Normandia, a fase de desespero de Pointsman já havia começado. Ele se deu conta de que a grande pinça continental ia mesmo dar certo, e que este conflito, este Estado do qual ele já começava a sentir-se cidadão, seria suspenso e reconstituído como paz – e que, em termos profissionais, ele não ganhara quase nada com a guerra. Tanto financiamento dando sopa para radares, aviões e mísseis e torpedos mágicos, e o que Pointsman levara naquilo tudo? (PYNCHON, 1998, p.82).

Pointsman se desespera por ter aproveitado pouco a guerra, que tanto oferecera para a comunidade científica e que agora, próxima do fim, o abandonava à própria sorte. *O arco-íris da gravidade* é permeado, pois, por este tipo de crítica à institucionalização da produção de conhecimento, em tudo alheia à isenção idealizada por Weber. A ambientação na Segunda Guerra não poderia ser mais adequada a tal perspectiva, pois foi notória a sua apropriação da ciência pelo aparato militar – cujo maior símbolo no romance é, evidentemente, o foguete V-2, sobre o qual a ação da “gravidade” perfaz uma trajetória em “arco” (que esse seja um arco-íris coloca o título da obra entre a ironia e o trágico, diante da alta inteligência e sofisticação devotada ao artefato tecnológico de destruição).

A sua apropriação pela indústria, pois, transforma a ciência num aparato burocrático. Para Weber, o burocrata profissional, como peça de uma engrenagem a que ele obedece e que ele não controla, compartilha com uma comunidade de funcionários o interesse em fazer com que a engrenagem prossiga funcionando normalmente, para assim preservar a autoridade social da instituição e a sua autoridade pessoal enquanto seu integrante (WEBER, 1948). Tal descrição se afina bem à estrutura da “Aparição Branca”, formada por microcomunidades em permanente competição por poder e espaço, o que as estimula, em comum acordo, a conservar as estruturas gerais de governabilidade. Opera-se da mesma maneira que a burocracia, ao se manipular, em benefício próprio, os dispositivos meritocráticos que o sistema prevê como impessoais, o aparato burocrático conferindo um poder elevado a quem conseguir controlá-lo – especialmente porque tal controle se oculta por detrás da aparência “impessoal” do sistema.

Pointsman, que controlava a “Aparição Branca”, se angustia, então, em relação ao futuro, pois lhe parece que ela se tornará obsoleta ao final da Guerra. Por ali, nada é mais temido que a vitória final dos Aliados – e nada simboliza mais a sua falta de vínculo com a sociedade em geral. Slothrop interessa a Pointsman pelo seu potencial de sedução das instâncias de financiamento, o que, é claro, dependerá da sua capacidade pessoal de convencimento. Em sua preocupação com a sustentabilidade futura da “Aparição Branca”, Pointsman conta com a colaboração dos colegas; entre eles, Rózsavölgyi sugere montar um “programa” que seja autônomo aos cientistas que o integrem e poderoso o suficiente para garantir a própria estabilidade:



“Rózsavölgyi é mais a favor de um programa poderoso que de um líder poderoso [...] substitui[ndo] personalidades por abstrações de poder [...]. Uma das esperanças mais caras ao Pós-Guerra: que não houvesse lugar para o carisma, este mal terrível [...] que sua racionalização fosse levada a cabo enquanto dispúnhamos de tempo e recursos [...]” (PYNCHON, 1998, p.88). Já se insinua, nesta linha de pensamento, o “complexo industrial-militar” que se formaria, nos EUA, no governo Eisenhower, e que andaria a rédeas soltas durante a guerra do Vietnã – à qual *O arco-íris da gravidade* não para de remeter. Sem “carisma”, operando silenciosamente, é para este ideal de rotinização e racionalização da acoplagem entre pesquisa e financiamento (majoritariamente militar), típica do segundo pós-guerra, que convergem os planos de Rózsavölgyi. A eliminação do carisma seria uma utopia burocrática pela qual nenhuma individualidade seria necessária para a continuação do sistema: com o novo “programa”, a “Aparição Branca” alcançaria autonomia institucional num mundo em que “programas”, e não pessoas, deteriam a força.

Em sua repulsa a ambições desse tipo, no próprio Weber (2004) encontramos o ponto em que se radica o problema, qual seja: a indecidibilidade última do mérito científico:

A ciência pressupõe [...] que o resultado a que o trabalho científico leva é *importante* em si, [mas] esse pressuposto escapa a qualquer demonstração por meios científicos. Não é possível interpretar o sentido último desse pressuposto – impõe-se, simplesmente, aceitá-lo ou recusá-lo, conforme as tomadas de posição pessoais, definitivas, face à vida. (WEBER, 2004, p.36, grifo do autor).

Cabe à própria instituição científica decidir o valor do conhecimento que ela produz, mas o investimento vem de instâncias apenas marginalmente capazes de avaliá-lo. Seduzi-los é, pois, imprescindível, o que Rózsavölgyi entende bem: o fascínio adequadamente provocado numa figura influente – como um Albert Speer – poderia garantir até mesmo o investimento em artefatos cujas demandas tecnológicas estejam além do que seria factível a curto prazo e cujos resultados eram incertos: tal era o caso dos V-1 e V-2, sustentados pela fantasia desesperada de Hitler de que eles poderiam alterar o curso da guerra e pelo encanto que exerciam em Speer, encanto e fantasia que bastaram para despejar uma montanha de dinheiro num projeto de pífios resultados práticos – e que mataria um número de trabalhadores na sua construção (prisioneiros de um campo de concentração) quatro vezes mais elevado do que o número de vítimas em Londres e Roterdã.

Ao final do romance, Pointsman cairá em desgraça: a falta de resultados concretos da sua pesquisa o desprestigiaria. Largado numa posição subalterna, a sua decadência pessoal faz apenas ressaltar, porém, que o sistema de agenciamento de

verbas junto ao círculo empresarial continuaria funcionando, burocraticamente, a pleno vapor. O efeito sua condenação recai sobre o leitor do romance: para a realidade ficcional de *O arco-íris da gravidade*, Pointsman é um perdedor individual num sistema coletivamente vitorioso.

## Ideia

Com a palavra “ideia” remetemos às idealizações que, preexistindo às teorias científicas, atuam como molduras extracientíficas a lhes conferir legitimação. Apesar de serem anteriores à observação dos fenômenos, elas determinam a observação: por “ideia” nos referimos aos enquadramentos de cunho estético, moral, político ou religioso que historicamente orientaram a leitura científica da natureza.

Pynchon satiriza enfaticamente o recurso da ciência ao mito e à metáfora. Diante de um caso bizarro na “Aparição Branca” – uma pessoa que consegue alterar voluntariamente a cor da pele –, um cientista propõe uma teoria do organismo como teatro, cheio de “Dourados e espelhos, veludo vermelho, fileiras e mais fileiras de camarotes, tudo imerso na sombra também, enquanto em algum lugar daquele proscênio profundo, mais fundo que as geometrias que conhecemos, as vozes murmuram segredos que jamais nos são revelados [...]” (PYNCHON, 1998, p.157). Este cientista lança uma metáfora para promover uma explicação, ou toma a explicação como pretexto para uma proposição metafísica? Tal crítica da modelagem circular da proposição científica – entre a metáfora e a observação – confere atualidade ao romance. Por exemplo, Ilya Prigogine (1997) indicava recentemente que o modelo atemporal e estático de Einstein fora orientado por sua predileção pela filosofia de Spinoza, cujo “espírito” teria influenciado as suas escolhas: ao localizar o caráter ideativamente específico da teoria de Einstein, Prigogine contradiz a percepção comum da racionalidade científica ao mostrar que pressupostos metafísicos são tão importantes, para ela, quanto para as humanidades. Isso não significa que a “ideia” não comporte uma dimensão produtiva: o modelo copernicano, apesar da sua maior simplicidade matemática que o ptolomaico, não era, em seu tempo, mais útil para o cálculo astronômico, e parece que a confiança que Copérnico nele depositava vinha da sua noção estética e religiosa pela qual o sol, símbolo de Deus, deveria “radiar a sua presença a partir do centro absoluto de todas as coisas existentes” (NADEAU, 1981, p.26) – a “ideia” teria contribuído, nesse caso, para motivar uma revolução científica.

Tal como Copérnico – mas apenas ironicamente, porém – Pointsman deriva a sua confiança nas próprias hipóteses de um “para-além” orientado por noções idiossincráticas de ordem: ele entende Slothrop “como um ‘monstro’ cuja subjugação

contínua à *Herrschaft* oficial é necessária para a manutenção da ordem em geral” (MENDELSON, 1976, p.176, grifo do autor). Apenas a paranóia do pavloviano poderia sustentar tamanho medo da singularidade radical, mas o fato é que a singularidade abala as pretensões “divinas” do olhar científico – as suas pretensões à totalização, “[...] o desejo de alcançar um ponto de vista quase-divino em nossa descrição da natureza. [...] É preciso um ponto de vista ‘divino’ para preservar a ideia de determinismo.” (PRIGOGINE, 1997, p.38, grifo do autor).

Em *O arco-íris da gravidade*, esta função-divindade aparecerá interconectada à política, concorrendo para ficcionalizar uma realidade histórica conhecida. Na passagem seguinte, a ambiência é a década de 30 alemã; na cátedra universitária, acompanhamos momentos decisivos na carreira do químico Laszlo Jamf:

Jamf adquiriu [...] uma hostilidade, um estranho *ódio* pessoal dirigido à ligação covalente. [...] Para Jamf, a idéia de que uma coisa tão mutável, tão *frágil*, quanto um compartilhamento de elétrons constituía o âmago da vida, da *sua* vida, parecia uma humilhação cósmica. *Compartilhar?* Era tão mais forte, tão mais duradoura, a ligação *iônica* – em que os elétrons não são compartilhados e sim *capturados*. *Tomados!* – e aprisionados! [...]

“Por mais que afirmemos, da boca para fora, nosso compromisso com a Razão, [...] no entanto o leão permanece. [...] O leão não conhece sutilezas nem meias soluções. Ele não aceita *compartilhar* coisa nenhuma! Ele toma, ele aprisiona! Ele não é bolchevique nem judeu. O leão jamais fala em relatividade. Ele quer o absoluto. Vida e morte. Vitória e derrota. Nada de armistícios, acomodações, e sim a alegria do salto, do rugido, do sangue.”

Se isso é química nacional-socialista, culpe-se esta alguma-coisa-que-estava-no-ar, o *Zeitgeist*. [...] O professor doutor Jamf não era imune. (PYNCHON, 1998, p.594-595, grifo do autor).

O pensamento por absolutos domina Jamf, tomando a forma do ato de força. A convicção na própria certeza inaugura uma sensação ilimitada de poder – e do direito ao seu exercício –, no lugar transcendente que passa a postular para si o donatário da verdade. Na violência que a passagem encena, o pensamento dicotômico entre a covalência e o inorgânico instrumentaliza, na química de Jamf, uma divisão belicosa do real. Assim funciona a dicotomia, que não admite senão a eliminação da alternativa contraposta: aparecendo continuamente em *O arco-íris da gravidade*, estão “calvinistas, puritanos, pavlovianos, empresários, generais, marxistas e nazistas. O que todos eles compartilham é uma abordagem comum da experiência e da vida que vê em cada caso, independentemente do caso, apenas duas possibilidades” (SCHWARZBACH, 1978, p.64). Uma apresentação política do pensamento científico dicotômico revela, num instantâneo, o seu caráter belicoso, a sua imposição da impossibilidade de um diálogo entre os opostos que ele mesmo estebelece: é o caso de Jamf, onde melhor

se percebe como *O arco-íris da gravidade* perspectiviza a “ideia” científica como um molde estético e político:

Vocês têm duas opções: [...] podem ficar lá atrás com carbono e hidrogênio, levando suas marmitas para o laboratório todos os dias, junto com as multidões sem rosto que estão ansiosas para entrar logo e proteger-se do sol – ou então podem *ir além*. Silício, boro, fósforo – esses elementos podem substituir o carbono, e podem ligar-se ao nitrogênio em vez de ao hidrogênio [,] ir além da vida, rumo ao inorgânico. Aqui não há fragilidade, não há mortalidade – aqui há Força e Intemporalidade. (PYNCHON, 1998, p.597, grifo do autor).

A que distância não estamos aqui da neutralidade axiológica defendida por Weber? Weber (2004, p.38) condenava a conversão da cátedra em palanque: “[...] a política não tem seu lugar nas salas de aula das universidades [...] quando [os docentes] tratam cientificamente de temas políticos”. Jamf não trata “cientificamente de temas políticos”: ele trata politicamente de temas científicos, o que é uma contraface do mesmo. Enquanto o cientista-orador deturpa o saber ao colocá-lo a serviço de uma causa política, o cientista nazista atribui uma causa ao olhar científico – e a ciência passa a ler o real politicamente.

CHAGAS, P. D. The presence of science in Thomas Pynchon’s *Gravity’s Rainbow*. *Revista de Letras*, São Paulo, v.50, n.2, p.433-445, jul. /dez. 2010.

- **ABSTRACT:** *The essay describes the sociological and epistemological aspects of the presence of science in Thomas Pynchon’s Gravity’s rainbow, wherein the theme serves as a link to contemporary history, also having implications on the plot and on its narrative construction. A dialogue with Weber helps detect the critical component of Pynchon’s approach to science, while a dialogue with contemporary epistemology locates his skepticism towards the idealization of scientific rationality and of its ordinary practice. The interconnection of the three items that compose the exposition – “causality”, “bureaucracy” and “idea” – places science as a background for the analysis of Gravity’s rainbow’s understanding of the world contemporary to its release in 1973.*
- **KEYWORDS:** *Thomas Pynchon. Epistemology. Sociology of science. Contemporary novel.*

## Referências

- MENDELSON, E. Gravity's encyclopedia. In: LEVINE, G.; LEVERENZ, D. (Org.). **Mindful pleasures**. Boston: Little Brown and Company, 1976. p.161-196.
- NADEAU, R. **Readings from the new book on nature**: physics and metaphysics in the modern novel. Amherst: The University of Massachussets Press, 1981.
- PIERUCCI, F. Glossário. In: WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.277-292.
- PRIGOGINE, I. **The end of certainty**: time, chaos, and the new laws of nature. New York: The Free Press, 1997.
- PYNCHON, T. **O arco-íris da gravidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARZBACH, F. S. A matter of gravity. In: MENDELSON, E. (Org.). **Pynchon**: a collection of critical essays. New Jersey: Englewood Cliffs, 1978. p.56-67.
- SLADE, J. W. **Thomas Pynchon**. New York: Warner Paperback Library, 1974.
- SMITH, S. **Pynchon and history**: metahistorical rhetoric and postmodern narrative form in the novels of Thomas Pynchon. New York: Routledge, 2005.
- WEBER, M. Bureaucracy. In: \_\_\_\_\_. **Essays in sociology**. London: Routledge, 1948, p.196-244.
- \_\_\_\_\_. A ciência como vocação. In: \_\_\_\_\_. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2004. p.17-52.

